EUTOMIA
Revista Online de Literatura e Lingüística
ISSN 1982-6850

O Ariano e o não-ariano[1]

Franz Boas
Tradução de Luiz Costa Lima – PUC-Rio

Um homem, de origem não-ariana, não pode ser alemão! É sobre este clichê rancoroso que hoje se edifica o governo alemão. Funda-se e é proclamado em alta voz, a partir de um preconceito senil e de uma ciência charlatanesca, que mesmo uma gota de sangue não ariano basta para expulsar da sociedade dos alemães o mais profundo pensamento germânico.

Tal tese que lança a condenação sobre centenas de milhares de pessoas que falam e pensam em alemão e que, em troca, não só provoca mas visa à miséria dos que são por ela atingidos, é merecedora de uma reflexão serena, puramente científica. Diz-se haver 600.000 não-arianos na Alemanha, mas, de acordo com a definição indicada de que basta um quarto de sangue não-ariano para que o indivíduo seja não-ariano, a verdadeira contagem facilmente alcancará a cifra de 1.200.00.

Antes de tudo, quem é ariano? Ariano é a designação de uma língua. A maioria das línguas européias e uma série de asiáticas, como o armênio, o persa, o hindustânico foram chamadas línguas arianas porque apresentam traços em comum, que mostram que, em algum tempo, constituíram uma língua, que se espraiou poderosamente sobre uma área extensa e deu lugar a muitos idiomas estrangeiros, que se desenvolveram nas diversas línguas hoje faladas. Um ariano é, portanto, alguém que fala uma língua ariana, seja ele um sueco, um negro americano ou um hindu. Noutras palavras, ariano é uma designação lingüística e não tem nada a ver com raça. Quando alguém pensa e fala no ariano como raça baseia-se na hipótese indemonstrável de algum erudito, para

o qual o tipo humano que vive no noroeste da Europa, o usualmente chamado tipo nórdico, falaria a língua ariana e não outra que tivesse se expandido mais amplamente. Noutras palavras, quando se fala em ariano pensa-se no europeu louro do norte.

Na verdade, ninguém pode dizer que o homem louro do noroeste da Europa falasse ariano. A origem das línguas hoje reconhecidas como originárias (*Ursprache*), quando se necessite usar a expressão, está tão distante que, pela errância constante da humanidade, por sua mudança de curso e seu isolamento, ninguém pode defintivamente decidir que falavam os homens que viveram há mais de 10.000 anos ou mais. Por seus trabalhos em utensílios de pedra, em esculturas em osso ou em cerâmica, podemos pensar o que faziam mas nada pode-nos dizer que língua falavam. Métodos de trabalho, tais como usados em cestaria ou em cerâmica, com freqüência se fixavam com tal tenacidade e eram transmitidos de um povo para outro que, muitas vezes, a determinação de um povo, a partir de seu artesanato, provoca dúvidas.

A opinião dominante no governo alemão considera o ariano e o não-ariano como qualidades biológica e hereditariamente significativas. Daí podemos deixar de lado a pergunta que língua falavam os antepassados dos alemães e apenas constatar que as expressões 'ariano' e 'não-ariano" se fundam no desconhecimento do que significam. Trata-se, na verdade, de duas questões: (a) em que consiste a falsidade de tomar como medida racial a oposição entre ariano e não ariano? (b) Em que proporção a conduta do homem depende de sua ascendência?

Em um delineamento bastante sumário, talvez se pudesse dividir a povoação européia em três grupos, dispostos em três amplos setores: no norte, os europeus norte-ocidentais, altos, louros, de olhos azuis, no centro, na região dos Alpes, ao leste e oeste daí, os povos alpinos morenos e, no sul, os povos mediterrâneos, de baixa estatura e muito escuros, encontrados na Espanha, na Itália e no sul da França. Há naturalmente também outras formas regionais que não podem ser bem enquadrados neste esquema.

Desconhecemos qual é o mais velho desses grandes grupos. Por analogia com o desenvolvimento das formas animais, bem podemos supor que, em tempos bem distantes, os grupos humanos fossem bastante isolados, para que, através da reprodução consangüínea, da seleção e sob a influência do ambiente em que viviam, desenvolvessem certos tipos. É difícil dizer em que se baseia esse processo. Sabemos apenas que de formas bastante aparentadas, por muito tempo isoladas por força das condições naturais, decorriam diferenças com freqüência pequenas. Pode-se assim comprovar em animais terrestres de ilhas isoladas certas particularidades que os distinguem dos de outras ilhas, sem que tais diferenças precisem ser radicais.

No homem, ainda sucede que as formas raciais são bastante análogas às formas dos animais domésticos. Isso é particularmente pronunciado no que concerne ao tom louro dos cabelos, à cor negra da pele e ao encrespado do cabelo dos negros. Eugen Fischer e B. Klatt convincentemente comprovaram que o tom louro e a cor azul dos olhos são características des animais domésticos, o que raramente sucede entre as espécies selvagens. Encontramos cavalos ruços, coelhos e porcos. Temos cães da raça pudel que são negros e de pelo muito encaracolado. Essas formas raramente ocorrem entre os mamíferos selvagens. Automaticamente, a cor loura entre os homens é o exato paralelo dessa tonalidade entre os animais domésticos.

Pois bem, a domesticação dos animais fundamentalmente se fundou na mudança da alimentação e como proteção contra as condições climáticas e a presença de inimigos. Nas primeiras modalidades da domesticação, não teve nenhum papel a criação artificial de determinadas formas. Sabemos que já na época glacial, talvez antes de 50.000 anos, o homem preparava sua alimentação com o fogo e que sabia se defender com armas. Devemos portanto dizer que o homem dos tempos mais remotos, por meio do fogo e das armas, se convertia em um animal doméstico.

Até épocas mais recentes, por certo não antes do período glacial, o isolamento radical, indispensável para que se desenvolvam formas mais estáveis, não desempenhou papel algum.

Tudo que sabemos da história humana remete à errância incessante. No período glacial, davam-se oscilações climáticas tão intensas que o homem foi forçado a abandonar as regiões geladas. O dessecamento da Ásia central impulsionou o homem para a Europa e para o sul da Ásia. Da Ásia dirigiu-se à América e colonizou o novo mundo desde o extremo norte até o extremo sul. Os negros da região de que procede o Nilo inundaram a maior parte do sul da África. Os povos da Ásia central penetraram pelo sul e ocidente asiáticos em direção à Europa. Bem mais tarde, os malaios atravessaram a grande extensão do oceano Pacífico e alcançaram Madagascar.

Mesmo a repartição das línguas modernas prova a mobilidade do homem, pois a extensão de uma área lingüística exige o contato pessoal entre os povos. Na América, os nativos do Novo México falavam uma língua aparentada com a que se praticava no Alasca. As línguas caribenhas foram faladas no sul do Brasil e, então, outra vez, na Índia ocidental. Mesmo hoje em dia, a Rússia está impregnada de muitas raízes e aí se falam línguas finlandesas, o que é indicativo da expansão moderna dos russos rumo ao leste. Na Idade Média, o árabe se tornou a língua dominante no norte da África. Todas essas errâncias levaram à mistura dos povos. A história da Espanha oferece um bom exemplo. Em tempos remotos, a península foi povoada pelos iberos. Os fenícios fundaram suas colônias na costa. Os celtas da Gália se introduziram em grandes bandos e se mesclaram com os nativos. Vieram a seguir os colonizadores romanos que romanizaram toda a região. Vieram depois as migrações dos godos, que dominaram toda a região, enquanto, na grande época muçulmana, os mouros conquistavam uma grande parte da Espanha, ali se tornavam sedentários e se misturavam com os nativos. Muitos judeus ali viviam, que se mesclavam com os nativos. A grande Espanha desenvolveu-se em um tempo em que a mistura das raças atingia seu auge.

Noutras partes da Europa, sucediam as mesmas relações. A Alemanha, particularmente, tornou-se o palco de migrações constantes: do norte para o sul, do leste para o oeste e, em sentido contrário, foi a terra atravessada por diferentes povos. A germanização dos eslavos do leste representou uma etapa tardia dessa mistura. O que hoje vemos é o resultado de tais mesclas.

Mesmo as formas corporais do homem de períodos passados bem como de agora testemunham este forte cruzamento. Na Inglaterra, viveu outrora um povo que se distinguia por sua cabeça comprida e estreita; veio então um povo em que preponderava uma cabeça ampla e redonda, que trazia outra cultura consigo. Depois desapareceu e o europeu louro do noroeste ocupou a maior parte da região. Apenas no País de Gales e em algumas regiões encontra-se um tipo que mais se assemelha ao de Portugal. Na Noruega, que, em geral, é considerada como uma pura terra do noroeste europeu, vivem, no sul, homens de outro tipo, cuja pele e cabelo são escuros e de outra constituição corporal. Na América, encontra-se um nativo que se estende do México ao norte da Califórnia.

O sedentarismo desenvolveu-se no tempo, como peculiaridade do território do camponês livre ou do senhor cuja propriedade possuía servos da gleba. Desde então têm podido se desenvolver certas formas humanas regionais que, no entanto, em todas as partes, retrocedem à mistura racial originada no tempo do nomadismo.

Em uma aldeia, em que a propriedade é herdada, passando de pai para filho, e em que a mulher deve ser, na medida do possível, procurada na mesma aldeia, a reprodução entre consangüíneos provoca um tipo local, que, sob certas circunstâncias, pode ser muito pronunciada, embora a diferença dos antecedentes nos indivíduos, assim como na série de irmãos, continue a se evidenciar.

Tendemos a admitir que, quando todos os indivíduos de um certo grupo são semelhantes quanto à cor dos cabelos e dos olhos e quanto à estatura corporal, devam ser semelhantes por todos os demais aspectos. Mas não é

efetivamente o caso. Traços particulares do corpo não são tão estreitamente interligados que tudo seja coletivamente herdado. Ao contrário, a genética demonstra que as formas corporais, como um todo, nunca são herdadas, senão que os traços da série dos antepassados se dissolvem em ligações sempre novas.

Poder-se-ia talvez acreditar que a alta nobreza da Europa representa uma raça pura; a verdade é o contrário. As genealogias demonstram que, por todas as partes da Europa, as misturas são a regra. A nobreza sueca, por exemplo, é, em grande parte, de origem estrangeira.

É, portanto, uma ficção falar-se de uma raça alemã. Antes devemo-nos perguntar que formas corporais são representadas entre os alemães. Então se mostra a falta geral de uma unidade. Cabeça compridas e louras no norte, cabeças pequenas e escuras, no sul; faces largas, aqui, estreitas, ali; nariz comprido e fino, grandes e pequenos, grossos e delgados. Não há uma "raça alemã", mas sim tipos locais, fortemente diferenciados entre si; cada um abarca diferentes formas individuais, de modo que representantes de todas as formas que houve na Alemanha e nas terras vizinhas podem ocorrer em cada grande parte da pátria. O alemão do leste é mais parecido com seu vizinho polonês do que com os frísios; o tirolês se assemelha mais do eslavo dos Alpes orientais do que do alemão do norte, o habitante da região do Reno mais dos franceses contíguos do que do alemão das regiões mais distantes.

Grupos nacionais e tipos locais não têm nada de comum entre si.

Quando então se concebe os judeus como um elemento completamente diferente, deve-se também determinar sua posição racial. Há muito menos uma raça semita do que uma ariana, pois ambos os grupos lingüísticos não designam tipos de homens. Pode-se apenas falar de tipos pré-asiáticos. Há pelo menos dois ou três tipos pré-asiáticos completamente distintos; os armênios escuros, os curdos de cor clara e os habitantes do sul de cabeça alongada. O que conhecemos dos judeus nos permite dizer que os três tipos, e talvez ainda outros tipos europeus, estão entre eles representados. Os judeus não constituem uma raça única. Os tipos armênios são muito próximos dos dalmáticos,

habitantes da região oriental do mar Adriático, e é tanto assim que, em alguns casos, o tirolês e o armênio mal se diferenciam. Do mesmo modo há um parentesco entre o tipo sírio e o das terras centrais. A oposição entre o louro do noroeste europeu e o alemão do sul de tez escura é tão grande como a diferença entre este último e o judeu armênio.

A verificação acima não significa que não existam diferenças sutis na constituição corporal da maioria dos judeus e na maioria dos europeus não judeus; mas as diferenças não são radicais. É sabido que judeus siríacos, de tez escura são tomados como espanhóis ou italianos, que armênios são confundidos com eslavos do sul ou outros alpinos ou que louros são tidos como europeus norte-orientais.

A isso ainda se acrescenta que judeus de terras diversas não têm as mesmas características corporais e que há uma certa semelhança entre eles e seus vizinhos. O mais bizarro a respeito sucede com os judeus asiáticos e da África oriental que se tornaram sedentários: em geral, são eles parecidos com os povos com que vivem ou viveram. No fim da Antigüidade e no começo da Idade Média, como os judeus e os cristãos converteram fiéis de outras crenças, as misturas não foram raras. Os judeus converteram seus escravos ao judaísmo e fizeram prosélitos; os cristãos fizeram o mesmo. Nos primeiros séculos de nossa era, casamentos entre cristãos e judeus eram igualmente freqüentes. Uma prova significativa de que os casamentos entre judeus e cristãos se tornara freqüente é apresentada pelo fato de que, no ano de 633, o concílio de Toledo determinou que tais matrimônios deviam ser dissolvidos, a menos que os judeus se convertessem à fé cristã. No sul da Alemanha, sucedeu que todo um gueto foi empurrado para dentro de um curso d'água e batizado. Os judeus estavam então habilitados a se casar.

É provável que a mistura não tenha sido a única causa que provocou o desenvolvimento de tipos locais entre os judeus. A constituição corporal humana não é absolutamente independente do ambiente que a envolve, sendo

provável que as formas regionais em parte dependam do contorno físico, em parte do contexto social, a que estão submetidos os habitantes de certa região.

De tudo isso decorre que não se pode estabelecer fronteiras nítidas entre os grupos humanos europeus hoje existentes; que, nos grandes grupos humanos – alemães, franceses, judeus, finlandeses, húngaros, etc – ocorrem muitas linhas hereditárias, cujas peculiaridades se entrecruzam; que, mesmo onde sucedem, com maior freqüência, certas marcas corporais, como a tez loura, outros traços corporais condicionados variam enfaticamente.

Ora, tudo isso é apenas o pano de fundo da questão em que se apóia toda a teoria "ariana" da especificidade do caráter do alemão, i. e., em que medida o comportamento intelectual é condicionado pela forma corporal. Não se duvida que haja relações individuais entre a forma do corpo e a vida intelectual. Um homem cujo cérebro ostenta defeitos anatômicos e, por isso, não funciona corretamente, tampouco pode ser intelectualmente normal. Não se pode converter um idiota em um gênio. Mas é precipitado afirmar que toda e qualquer diferença na constituição corporal esteja necessariamente ligada a diferenças da vida mental. As funções corporais são extraordinariamente adaptáveis. São diametralmente opostas a circulação sangüínea de um homem corporalmente inativo, que viva no clima quente de uma terra situada abaixo do nível do mar e a daquele que seja ativo em uma região montanhosa e de baixa pressão. Todas as funções corporais modificam-se com intensidade de acordo com as condições de vida. Não é diferente o que se passa com a vida intelectual. As relações sociais influenciam potentemente o comportamento geral. Diversas pesquisas foram feitas com o propósito de relacionar a conduta intelectual humana com sua constituição corporal, por exemplo visando estabelecer se um louro de cabeça comprida age de outro modo do que os morenos de cabeça redonda. Toda pesquisa conduzida de maneira estritamente científica demonstra que, dentro da mesma camada social inexistem semelhantes conexões. Mesmo as pesquisas que procuram relacionar manifestações de doenças com a constituição do corpo, não evidenciam que cada indivíduo, a

partir de certas e extremas constituições corporais, deva sofrer perturbações mentais, mas sim e apenas que, com maior freqüência, elas então sucedem. Ao contrário, são mais freqüentes as formas intermediárias e, por este resultado, não se comprova relação alguma entre constituição corporal e conduta mental.

Por certo, não há de se negar que grupos como os suábios e os frísios não são mentalmente idênticos. Deve-se até mesmo admitir que camponeses frísios e suábios, há muito arraigados à terra e que se multiplicaram por procriação entre consanguíneos ostentem diferenças mentais, corporalmente condicionadas. É fácil mostrar quão forte essas diferenças intelectuais são condicionadas por relações sociais. Muitas observações já foram feitas acerca de negros que saíram da terra foram para as cidades, e se tem provado que a aproximação deles com a conduta dos urbanos se cumpre com maior rapidez, dentro de poucos anos. Do mesmo modo tem-se mostrado entre imigrantes italianos na América que seu comportamento, à medida que passam os anos, mais se assemelha da conduta dos americanos nativos. Um dos exemplos mais evidentes é dado pela segurança com que as crianças adotam o dialeto e o modo de falar das imediações em que vivem. Do mesmo modo estudos minuciosos de famílias demonstram até que ponto o caráter e a conduta de cada membro seu depende de suas relações pessoais dentro do grupo familiar.

As formas corporais em regiões separadas e em diferentes classes sociais são naturalmente dissemelhantes, no entanto, em cada povo, são conhecidos tipos tão particularmente diferenciados que seria difícil determinar com segurança a linhagem a que um certo indivíduo pertence. Embora cada região e cada grupo exiba sua peculiaridade mental, ela não é determinada pelo tipo do corpo, mas sim e apenas pelo vínculo espiritual que une os membros do povo. Pela hereditariedade, pode-se esclarecer uma parte dos traços mentais manifestados por antepassados e descendentes. Mas isso não deve ser estendido a todo o povo em que aparecem as mais diversas bases corporais sob a forma de famílias, que então assumem suas formas peculiares por efeito da pressão social. As doenças mentais epidêmicas na Idade Média constituem uma

espécie de fenômeno que mostra clara e poderosamente o quanto as manifestações das condições culturais são capazes de influenciar a vida do espírito. Massas populares inteiras se entregavam a danças frenéticas, que agora observamos nos "Revival meetings", que, no entanto, hoje em dia não poderiam se estender a todo o povo. Tampouco poder-se-ia hoje evocar o fanatismo das cruzadas. Atualmente, vivemos na época do fanatismo nacional-socialista, que é também derivado de outras formas sociais. O comportamento da Alemanha de agora frente aos judeus procura fundamentar a tirania no conhecimento científico. Mas a ciência sobre a qual se constrói é uma charlatanice. Ninguém nunca acreditou que um homem, por ser originário de um certo povo, também devesse ter certas características herdadas. Uma nação não se precisa por sua origem étnica, senão por sua língua e seus costumes. Do contrário, alemães, franceses, italianos não seriam nações.

A fala e os costumes são antes determinados pelo ambiente em que a criança cresce do que por sua origem, pois as formas corporais, à medida que, em geral, exercem uma influência, ocorrem, em cada grupo, de maneira particularizada. Isso talvez deva ser ilustrada por um quadro. Pense-se em uma paisagem, com montanha, vale e planície, arenosa, que tenha um solo fértil e rochoso, sem fauna e flora, transplantada para um novo continente, de modo que a fauna e a flora viessem a ser idênticas as das cercanias. Como todas as condições possíveis de solo estão dadas, a distribuição das formas particulares não será a mesma, mas, não ocorrendo diferenças essenciais nas formas da terra, tampouco a distribuição será fundamentalmente diversa. Se a paisagem é transplantada para outro clima, não só a fauna e a flora serão configuradas segundo o ambiente senão que a própria paisagem receberá novas formas. A paisagem corresponde ao fundamento biológico de uma população, exibe as múltiplas e diversas formas climáticas e de modos de vida, que, reorganizadas, nela convivem. Assim como em cada paisagem extensa ocorrem as mais diversas formas de solo, assim também, em cada massa popular, surgem as mais diferentes linhas hereditárias capazes de adaptação. Desta maneira não se

há de esperar grandes diferenças nos fundamentos biológicos das funções corporais e mentais. Os mundos vegetal e animal correspondem à cultura, que se desenvolve em uma população, diferencia-se nos indivíduos, assim como a vegetação se modifica de acordo com um solo pedregoso, arenoso ou fértil, no conjunto, porém, dependendo do ambiente em que o povo está posto.

Assim como os eslavos germanizados e franceses são culturalmente alemães; assim como os alemães afrancesados são franceses e os grupos russificados se tornam russos, assim também os judeus alemães se tornaram alemães.

Tradução de Luiz Costa Lima

Notas:

[1] "Arier und nicht-Arier" teve sua primeira parte publicada em 6 de novembro de 1933, no jornal de Estrasburgo, órgão do Partido Comunista, *Die neue Welt*, pouco depois da ascensão do nazismo ao poder. Seu autor, o etnólogo e antropólogo Franz Boas, ocupava, desde 1899, a cadeira de antropologia na Columbia University. O artigo permaneceu inédito na Alemanha, só vindo a aparecer em publicação do seminário de musicologia, **"Vom tönenden Wirbel menschlichen Tuns":** *Erich M. von Hornbostel als Gestaltpsychologe, Archivar und Musikwissenschaftler; Studien und Dokumente,*(**"Do torvelinho sonoro do fazer humano"**: Erich M. von Hornbostel como psicólogo gestaltista, arquivista e musicólogo") *Sebastian Klotz (organizador)*, Schribri-Verlag, Milow, 1998, pp. 234-246, com introdução de Karlheinz Barck, "Grenzen der Menschheit. *In memoriam* Franz Boas (1858 – 1942), pp. 185-190. O texto aí publicado, do qual é feita esta tradução, segue a versão datilografada que integra o acervo de Eduard Fuchs, hoje nos *Hoover Institution Archives*, Stanford. (Nunca o encontrei nos diversos livros de Boas publicados em inglês. Sou levado a crer que o autor o considerava uma manifestação demasiado pontual, com um alvo declaradamente político, para que integrasse seus ensaios de cunho científico).

Por estranho que pudesse parecer, não foi ocasional a publicação do "Arier und Nicht-arier" em um seminário de musicologia: o homenageado, o psicólogo e etnomusicólogo austríaco Erich M. Hornbostel tivera um papel marcante no início da etnomusicologia, como professor associado de *Systematische und Vergleichende Musikwissenschaft* (Ciência sistemática e comparativa da música) da Universidade de Berlim. Atingido pelas medidas anti-raciais nazistas, foi demitido em 1933, sendo obrigado a emigrar, tornando-se professor da *New School for Social Research,* em New York. Logo, entretanto, por motivos de saúde teve de renunciar, falecendo em Cambridge, na Inglaterra, em 1935, (N. do Tr.).